

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Tarde

Class.: RHR00430

Data: 02.04.88

Pg.: _____

Índio pataxó é torturado até a morte

Pau Brasil (De Kleber Torres) — O município de Pau Brasil vive um clima de forte tensão após a localização do corpo do índio Djalma Lima Pataxó, 22 anos, morto em um conflito com fazendeiros, com quem a sua tribo disputa, numa morosa questão judicial, uma área de 36 mil hectares. Ele foi a 7ª vítima fatal desta guerra, que já resultou em ferimentos em pelo menos 33 pessoas.

O corpo foi sepultado na tarde da última quinta-feira, num pequeno cemitério da Fazenda São Lucas, que tem uma área de 1,2 mil hectares e onde vive cerca de 1,3 mil pataxós Han Han Mae há cerca de sete anos, num clima de permanente conflito com fazendeiros e posseiros das redondezas.

DESAPARECIDO

O índio estava desaparecido há nove dias e, segundo seu pai, Leomiro Pataxó, "foi morto por pistoleiros a serviço de fazendeiros da área". Ele também disse que seu filho, sepultado num clima de comoção, foi torturado antes de morrer, pois "teve unhas arrancadas, teve retirado o couro cabeludo, foi queimado e castrado". "O que nós achamos foi o corpo já apodrecido e num lugar de difícil acesso, após uma intensa procura e que teve até a ajuda da Polícia Federal".

Ele não acredita na punição dos criminosos, mas acha que a Justiça deveria "ser feita porque nós vivemos sempre perseguidos e ameaçados. Outras pessoas também já morreram e nada foi apurado até agora". Explica que a questão vem sendo agravada ao longo do tempo e que outras mortes também poderão acontecer caso nada seja feito.

Segundo Edvaldo Júlio Pataxó, cujo pai foi baleado na cabeça há três anos e está prático, vivendo numa cadeia de rodas, "se a Justiça já tivesse tomado uma posição com relação aos nossos problemas,

não teria acontecido nada disto, nem meu pai estava afeijado".

Ele, que tem o mesmo nome do pai, acha ainda que a morosidade do processo judicial está gerando este clima permanente de tensão e fazendo um número crescente de vítimas. Acha que a posição dos índios é de desvantagem em relação aos fazendeiros e posseiros da área, "porque a Polícia vem aqui e, se encontra uma arma, faz a sua apreensão, mas nunca soubermos de uma única batida para desarmar os fazendeiros".

Maria Zélia Pataxó considera que a tribo como um todo vive um clima de temor permanente e que "na verdade nós estamos mesmo é presos nesta área, porque quando salmos somos pegados ou até ameaçados, como já aconteceu com várias pessoas que vivem aqui".

Na realidade, o clima de tensão é permanente na área da Fazenda São Lucas e nas suas vizinhanças. Os conflitos são frequentes e as acusações são feitas por ambos os lados envolvidos na mesma questão. Um dado importante neste caso é que para evitar possíveis atritos, há um pequeno contingente da Polícia Militar permanentemente sediado na fazenda.

Os índios acusam os policiais de parcialidade — estariam agindo sempre em favor dos fazendeiros e de agir sempre com muita violência. Minervina Maria de Jesus conta, por exemplo, que um dos seus filhos chegou a servir de alvo para um policial militar, que só não o atingiu devido à intervenção de um outro soldado, que na hora do disparo desviou o cano do revólver.

O chefe do posto da Funai na Fazenda São Lucas, Arseu Carvalho Borges, que trabalha com uma equipe de cinco pessoas e vive na área com a mulher e dois filhos, teme permanentemente, não só pela segurança da comunidade indígena, como também pela sua família, devido ao clima de tensão existente na área.